

MEMÓRIAS E SABERES: RELAÇÕES EDUCATIVAS NO PROJETO RIBEIRINHO¹

Lucileyde Feitosa Sousa ²

INTRODUÇÃO: Este trabalho, nascido da reflexão, diálogos e pesquisas da autora na Amazônia com os professores da Reserva Extrativista do Lago do Cuniã, busca trazer à tona memórias, relações educativas e os saberes desenvolvidos no Projeto Ribeirinho, mostrando sua importância no âmbito de uma escola localizada numa reserva extrativista pertencente ao Município de Porto Velho, estado de Rondônia. Trata-se do Projeto Ribeirinho, surgido para atendimento de uma demanda reprimida dos estudantes, considerando que em muitas comunidades havia a oferta de ensino até o 5º ano, fazendo com que muitas crianças fossem deslocadas forçadamente à área urbana ou para outras comunidades, na busca pela continuação dos estudos, fazendo com que houvesse essa separação da convivência familiar. Partindo dessa problemática, surgiu o referido projeto que ofertou do 6º ao 9º Ano, no Baixo Madeira, sendo contempladas inicialmente em 2006, as comunidades do Lago do Cuniã (Reserva Extrativista/Escola Francisco Braga), Demarcação (Escola João de Barros Gouveia), Nazaré (Manoel Maciel Nunes), Santa Catarina (Escola Castro Alves) e Papagaios (Manoel Caroline Tenório), com atendimento inicial de 300 alunos, contribuindo para a permanência dos alunos no campo e no convívio familiar, colaborando para a sustentabilidade de comunidades tradicionais. Tais comunidades ribeirinhas localizam-se em áreas esparsas e de difícil acesso, havendo dificuldade na garantia de permanência de professores nessas áreas em razão das distâncias, adaptação, acesso ser via fluvial e desafios logísticos. Ressalta-se que no decorrer dos anos de 2013 e 2015, o projeto deixou de ser executado em algumas comunidades, a exemplo de Nazaré, Papagaios, Santa Catarina, Demarcação, em razão de inauguração de escola e ampliação da oferta de ensino. Por sua vez, muitas das comunidades ribeirinhas sofreram com as enchentes de 2014 e 2019, levando ao fechamento de escola, de modo específico a da comunidade de Papagaios (Manoel Caroline Tenório), cuja escola ficou sem condições de ser reativada. Atualmente, o Projeto Ribeirinho funciona apenas na Reserva Extrativista do Cuniã, com um total de 42 alunos, cuja faixa etária varia de 13 a 30 anos, os quais estão distribuídos da seguinte forma: 6º ano (10 alunos), 7º ano (12 alunos), 8º ano (14 alunos) e 9º ano (06 alunos). As comunidades ribeirinhas possuem seus modos de vida ligados ao rio e a floresta, sendo que esse modo de vida a cada dia sofre alterações relativas à dinâmica espacial encontrada nessa região. Por exemplo, depois da construção das Usinas Hidrelétricas na cidade de Porto Velho (Santo Antônio e Jirau) esse mundo vivido sofreu alteração, com populações sendo remanejadas para áreas periféricas da cidade, muitas vezes, vivendo em situação de desassistência por parte do poder público, o que ocasionou uma ruptura com o modo de vida tradicional, além do conjunto de problemas ambientais que fazem parte do cotidiano dessas populações amazônicas. Nesse sentido, a ênfase é na Reserva Extrativista do Cuniã, conhecida como o Lago do Cuniã, cuja subsistência da população é pautada na pescaria, na pesca do pirarucu, manejo de jacarés e extrativismo vegetal, sendo uma área de grande biodiversidade, cujo modo de vida da população é bastante integrado com a natureza, sendo o principal meio de transporte o fluvial, alternando em algumas épocas com o terrestre. Na construção teórica tomou-se como ponto de partida os trabalhos de Sousa (2014), Claval (2010), Bakhtin (1999), Costa Silva et al (2002) e Bosi (1994).

¹ Projeto desenvolvido na Reserva Extrativista do Lago do Cuniã, no Município de Porto Velho, e resulta do desdobramento de pesquisa de doutoramento da autora na área da Geografia Cultural.

² Professora da Rede Municipal de Ensino de Porto Velho, Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), atua no Movimento Jornalismo e Ciência na Amazônia para a popularização da ciência na cidade de Porto Velho, lucileydefeitosa@gmail.com

No Centro desse debate, considera-se as memórias individuais e coletivas dos professores, o desenvolvimento de um projeto que ultrapassa a dimensão escolar, no sentido de sua importância social e de colaborar na manutenção de uma comunidade tradicional na Amazônia.

A BASE METODOLÓGICA: A base metodológica escolhida traz contribuições capazes de pensar a subjetividade humana, a visão humanista das pessoas em relação ao espaço, contextualizado por meio de um diálogo interdisciplinar construído a partir de significados sobre uma determinada realidade apresentada no âmbito escolar. A pesquisa qualitativa evidencia a participação e dialógica dos sujeitos envolvidos, caracterizando-se pelos seguintes aspectos:

- a) a fonte dos dados pautou-se na realização de entrevistas com os professores, procurando compreender suas práticas, o registro de suas memórias, compreendendo o seu contexto educacional;
- b) o processo de coleta de dados deu ênfase ao diálogo, compreensão, procurando valorizar o esforço e a prática pedagógica dos docentes envolvidos;
- c) o pesquisador é parte dessa investigação, sua compreensão é construída na vivência com os entrevistados e nas relações dialógicas estabelecidas com o outro e com o espaço.

Situa-se nessa interlocução as contribuições de Sousa (2014) com o estudo da poética presente no espaço ribeirinho e que colabora para o entendimento das representações; Claval (2010) mostra a importância da cultura enquanto processo de transmissão das experiências; Bosi (1994) destaca que o lembrar não é apenas o reviver, mas re-fazer, cabendo nesse contexto amazônico de transformação do espaço, onde a memória é social, logo, essa memória-trabalho emerge para compreensão desse trabalho docente em comunidade amazônica; Bakhtin (1999) o signo social e o dialogismo nos processos interlocutivos se inter-relacionam e permitem pensar o homem no seu espaço vivido; Costa Silva et al (2002) o ribeirinho mantém uma organização social diferenciada da urbana, com sua sobrevivência econômica baseada principalmente na pesca, pequena produção agrícola (caracteristicamente mandioca para a produção de farinha, frutos como a melancia, plantada nas várzeas dos rios e plantações perenes como o cupuaçu, a pupunha e açaí) e que pratica a coleta de produtos da mata como a castanha, açaí, abacaba e o patoás nativos. Isto é, essa população é constituinte de um modo de vida peculiar e a presença do rio faz parte do modo de ser e de viver do homem amazônico. Tomando-se esse arcabouço metodológico, pensa-se a dimensão humana do trabalho docente, aproximando-se desse mundo vivido, sendo consideradas às vozes, experiências espaciais e saberes culturais.

DESENVOLVIMENTO: O recorte do trabalho destaca a Reserva Extrativista do Cuniã, conhecida como Lago do Cuniã, cuja subsistência da população é a pescaria, pesca principal do pirarucu, manejo de jacarés e extrativismo vegetal, sendo uma reserva de grande biodiversidade, cujo modo de vida da população é bastante integrado com a natureza. O meio de transporte utilizado para se chegar à Reserva no inverso amazônico é exclusivo de barco. Da área urbana de Porto Velho ao Cuniã navega-se, por aproximadamente 100 km até as proximidades da comunidade de Nazaré, onde desemboca no igarapé Cuniã. Seguindo-o por cerca de 30 km, chega-se à comunidade. A viagem leva em média seis horas numa embarcação denominada voadeira ou rabetinha (motorizadas) ou em um tempo de vinte e quatro horas em um barco Recreio (motorizado), mudando o tempo de viagem conforme os ciclos das cheias e vazantes. No período da cheia, o percurso é encurtado pelos furos e na vazante, há um caminho por via terrestre ligando o Cuniã à comunidade de São Carlos, à margem do rio Madeira, facilitando o deslocamento dos moradores até a área urbana de Porto Velho. Esta Reserva Extrativista localiza-se à margem esquerda do rio Madeira, situando-se na parte nordeste do Estado, próximo aos limites com o estado do Amazonas, a aproximadamente 140 km, possuindo uma área de 104.000. Para Costa Silva (2002) o Lago do Cuniã tem cerca de 60 lagos, possuindo

grande riqueza em fauna e flora, com grande variedade de peixes duas espécies de jacarés (Jacaré-açu e jacaretinga). De formação lacustre, a área do Cuniã tem um regime das águas que oscila bastante entre o período da cheia, de novembro a abril, e o de estiagem de maio a outubro. Nesta reserva, encontra-se a escola Francisco Braga que oferece o Projeto Ribeirinho e o trabalho dos docentes pauta-se na Pedagogia da Alternância, conciliando estudos presenciais com não presenciais, envolvendo a comunidade e a família. Como diz o professor F. E:

“O projeto Ribeirinho tem um significado enorme na área ribeirinha e na vida de inúmeras pessoas [...] chegou até as comunidades mais isoladas e de certa forma deixada de lado por muitos, transformou a vida de muitas pessoas, levou sorriso a muitos rostos por terminarem parte dos seus estudos, a cada etapa vencida era visível a felicidade dos alunos e maior ainda nos professores que sem eles tudo isso seria impossível, professores esses que se disponibilizaram a sair de suas casas e enfrentar as inúmeras dificuldades existentes”.

Cumprir observar as transformações percebidas, a oferta de um projeto que chegou a lugares de difícil acesso, oportunizando aos alunos melhorias de condições de vida, apesar das dificuldades encontradas, tão marcadas no depoimento do entrevistado. Vê-se que ao longo dos anos a educação do campo passou a construir propostas diferenciadas de atuação, fundamentadas nas realidades existentes, no cotidiano de suas populações, permitindo pensar o espaço geográfico, a variação linguística existente, a história do lugar, o cotidiano de uma comunidade amazônica, a cultura ribeirinha e/ou beradeira, a biodiversidade existente, sendo a escola um espaço essencial para a socialização de saberes. Nessa perspectiva, o lugar é entendido como produtor de experiência humana e a linguagem é fundamental importância nesse processo de transmissão de saberes culturais e ambientais. Claval (2010) mostra a importância da cultura no processo de transmissão das experiências, por isso faz parte da investigação compreender as linguagens, intersubjetividades, sentimentos, comportamentos, privilegiando-se o campo dos saberes e as relações educativas. A cultura é feita de processos interlocutivos, articula-se no discurso e realiza-se na representação. O linguista Bakhtin (1999) traz a noção de dialogismo, mostrando que o eu e o outro estão intimamente ligados, tendo como elemento articulador a própria linguagem. De outro lado, Bosi (1994) destaca a memória social, a atribuição do sentido aos lugares, sendo um re-fazer nessa compreensão dos sentidos atribuídos à docência e ao espaço vivido, evidenciando atitudes e visões de mundo, se configurando no depoimento do professor F. E quando diz:

“Iniciei meu trabalho na área ribeirinha no ano de 2012, confesso que fui meio desconfiado sem muita vontade e com medo, sem saber o que iria encontrar [...] o primeiro dia na comunidade foi um choque de realidade o desespero e a vontade de voltar para casa era enorme, mas o carinho que demonstraram por saber que havia um professor na comunidade e que as aulas iriam começar foi fascinante, foi amor a primeira aula, ver aquelas crianças subindo o barraco enorme pra estudarem em uma sala de aula quente “sufocante”, sem ventiladores, e não ouvir uma reclamação foi algo diferente, acostumado com as reclamações da cidade”.

A busca pelo ensinar e a tomada de decisão evidenciam essa memória individual que acaba sendo a coletiva, uma vez que os professores que chegam em áreas de difícil acesso possuem desconfiança e medo em relação ao lugar de trabalho. Depois da fase adaptativa, as boas lembranças emergem, assim como argumenta Bosi (1994, p. 53) “A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens -lembrança e contínua”. O que se percebe são as satisfações e contribuições sociais e a influência do professor nesse espaço escolar de transformação social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Compreende-se que a educação passa por um processo das práticas sociais e individuais. É importante considerar que a cultura reflete as ações humanas em relação às percepções de mundo, sendo relevante descrever o espaço geográfico e escolar do ponto de vista das memórias individuais e coletivas. Nesta perspectiva, as entrevistas com dois professores trouxeram essa dimensão da subjetividades humana, das formas de comunicação, às redes educativas socialmente estabelecidas, das representações sobre a Amazônia e que interessa à educação do campo. Na análise realizada, detectou-se dificuldades que vão desde ao deslocamento, problemas de adaptação, dias sem energia elétrica, salas sem ventiladores, considerando o intenso calor amazônico, o ficar longe da família, alunos com insuficiência de material pedagógico, o que dificulta a oferta de um ensino de qualidade e muitas dessas percepções possibilitam interpretar o espaço de uma escola ribeirinha, considerando as vozes de seus professores que narram a luta do viver, do agir e da superação, sendo que “A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana”, como afirma Bosi (1994, p. 90). Entretanto, o encontro com os ex-alunos do Projeto Ribeirinho, a continuação do estudo faz com que muitas dessas dificuldades sejam “dribladas”, mas não superadas, evidenciada no depoimento do professor F. E:

“Em 2016 estava eu e o professor F., sentados apreciando um festejó no Distrito de Calama quando uma moça nos abordou, deu boa noite e perguntou se estávamos conhecendo ela, ficamos sem graça, e respondemos que não. No mesmo instante falou seu nome e nos disse que havia sido nossa aluna e veio agradecer por tudo que fizemos. Ela não parava de agradecer e contou o motivo de sua felicidade: “_ professores, terminei o ensino médio, passei no vestibular e esse ano concluirei minha graduação em Pedagogia, quero fazer pelas pessoas o que vocês fizeram por mim”.

O que se observa é o trabalho concreto realizado, com compromisso e responsabilidade social, levando os professores ficarem lisonjeados e emocionados, contentes por terem mais profissionais formados na área de educação, tendo em vista a insuficiência de profissionais com o ensino superior. As entrevistas pontuaram os aspectos positivos do Projeto Ribeirinho, tais como: o projeto é dividido em módulos, os alunos passam a estudar mais os componentes curriculares, dando-lhes a oportunidade do aprofundamento e sem a preocupação com outros componentes curriculares. De modo geral, considera-se o Projeto essencial para a manutenção de uma comunidade amazônica, uma vez que colabora com o fortalecimento da rede de mobilização para o acesso, em prol da aprendizagem, fortalecendo o sentido de pertencimento ao lugar e a preservação dessa grande biodiversidade.

De um modo geral, o aporte teórico dialoga com a realidade empírica encontrada, observando-se o quanto precisamos divulgar a educação praticada na Amazônia, às representações que perpassam por esse processo de ensino e de aprendizagem. Os desafios são muitos, mas que seja sempre reforçada no âmbito da escola o conhecimento ligado ao universo do rios e lagos, focando nesse vivido, mostrando que os medos, os obstáculos podem ser superados com a ajuda da escola, do protagonismo dos nossos alunos e da atuação ética e cidadã dos professores que atuam nessas áreas que exigem cada vez mais profissionais qualificados e humanistas para que seja de fato efetivado o papel da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: As escolas na Amazônia ribeirinha continuam sendo essenciais para a garantia do acesso e permanência do aluno na escola. A compreensão dessa importância, o conhecimento das memórias e relações educativas colaboram na dimensão da sustentabilidade de um viver tradicional, principalmente em locais de difícil acesso, onde não há transporte todos os dias para o deslocamento da população e as pessoas enfrentam diversos desafios. As

memórias, as ações dos docentes e as práticas pedagógicas acabam tendo esse espaço de destaque por mostrarem a importância do professor na transformação social de uma comunidade tradicional. Por isso, a importância das pessoas comunicarem suas experiências aos outros, buscando o recomeço diante das adversidades encontradas, externando suas emoções, representações sobre os lugares, sendo vozes altamente significativas na construção da educação na Amazônia. Portanto, a relevância do Projeto Ribeirinho no Município de Porto Velho ultrapassa a dimensão da escola, se estendendo a uma comunidade que precisa preservar sua floresta, seu sustento, com anseio pela melhoria do nível educacional de sua população, sendo essencial para o fortalecimento da cultura amazônica e a garantia de preservação da memória da comunidade, das tradições e das singularidades que chegam ao espaço escolar, fazendo com que os alunos possam desfrutar de conhecimentos significativos e que dialoguem com a sua realidade socioespacial.

Palavras-chave: Amazônia ribeirinha; Educação do campo; Memórias, Projeto Ribeirinho, Representações.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira; São Paulo: Hucitec, 1999.

BOSI, E. **Memória e Sociedade:** lembranças de velhos. 7. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

COSTA SILVA *et al* (Orgs). **Nos Banheiros do rio:** ação interdisciplinar em busca da sustentabilidade em comunidades ribeirinhas. Porto Velho: EDUFRO, 2002.

COSTA E SILVA, J. Mito e Lugar – Parte I. Revista de Educação, Cultura e Meio Ambiente, set. - N° 9 V.1, 1997.

CLAVAL, P. **Terra dos Homens:** a geografia, São Paulo: Contexto, 2010.

SOUSA, L. **Espaços dialógicos dos barqueiros na Amazônia:** uma relação humanista com o rio. Porto Velho: Temática, 2014